

Pele que modela e traduz

por *Thaís Casagrande*

Membro profissional da Península Ibérica da IALD (International Association of Lighting Designers), Maria João Pinto Coelho criou a primeira empresa, em Portugal, que desenvolve projetos na área do lighting design – a Lightmotif. Especialista em iluminação urbana, ganhou destaque com projetos como os mosteiros dos Jerónimos e de Alcobaça; Templo de Évora, entre outros. Determinada, persistente e de ideias fixas, vem conquistando o universo do design nacional e internacional. Para ela, luz é pele que modela, traduz, revela o esqueleto e essência de cada objeto.

Revista iDeia: Por que você decidiu investir no design de iluminação?

Maria João: Não foi, propriamente, uma decisão. Até porque, naquela época, o lighting design não era uma atividade muito conhecida no meio profissional. Foi a curiosidade que me fez fazer as malas e ir para Londres, em 1989. Nessa altura, só podíamos obter formação académica, nessa área, na Bartlett School of Architecture/UCL/UK ou na Parsons School/New York/USA. Talvez, por uma questão cultural, escolhi o MScLL da University College of London, que estava em seu terceiro ano de atividades. Depois do curso, estagiei na então LDP/Lighting Design Partnership (cujos sócios eram Jonathan Speirs, Barry Hannaford, Andre Thames, Graham Phoenix). Quando cheguei a Portugal, o desconhecimento pela disciplina era total. Os próprios distribuidores de produtos de iluminação só entregavam catálogos aos arquitetos e aos engenheiros, porque não havia mais ninguém que eles considerassem que valeria a pena... (risos).

Fotos: divulgação



Lago do Chafariz dos canos, Centro Histórico de Torres Vedras

Ri: Você acha que o design de iluminação é pouco difundido em Portugal? Como tem sido o desenvolvimento dessa área em seu país?

MJ: É definitivamente pouco difundido, mas, o mais importante, é como esse pouco está sendo feito, por quem, e com qual objetivo. Tenho visto de tudo um pouco, desde fabricantes que se denominam 'designers de iluminação' a outros, que formam uma associação com o pretexto de divulgar o lighting design, mas que apenas serve para criar um lobby comercial de venda de seus produtos. Penso que, mesmo hoje em dia, a agressividade dos fabricantes é muito maior que há 20 anos, dada à concorrência que se registra. Mas, não são apenas os fabricantes que interferem nas boas práticas da atividade; instaladores estão sempre procurando formas de alterar produtos

especificados em projetos e, até mesmo, muitos lighting designers são permissivos em suas escolhas, porque, debaixo do chapéu da crise, tudo parece estar justificado. Isso não se passa só em Portugal. Ano passado, morei em Madrid durante dez meses e viajei por toda a Europa e América Latina, e vi a mesma situação.

Ri: Você já realizou trabalhos em diversos monumentos. Esses projetos são pensados de maneira diferente dos outros ou existe uma linha mestra em seu processo de criação da luz? Quais aspectos você busca destacar em locais como o Templo de Évora ou o Mosteiro dos Jerónimos?

MJ: O Templo de Évora - que acabou se tornando o projeto ícone da Lightmotif (percorreu quase todos os eventos internacionais, desde Cusco/Peru a Kazan/Rússia)

- e o Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, classificados como patrimônio mundial pela UNESCO, foram projetos realizados nos fins dos anos 1990. Contudo, o processo mental e intelectual é o mesmo desde o primeiro projeto (Ponte Romana de Tavira - Monumento Nacional). Resulta de um conjunto de preocupações que começam a tomar forma depois de se observar muito o objeto e o espaço em que se insere. A luz é pele que modela, traduz, revela o esqueleto e essência de cada 'objeto' e atribui-lhe um valor, quando esse elemento passa a integrar nosso campo visual.

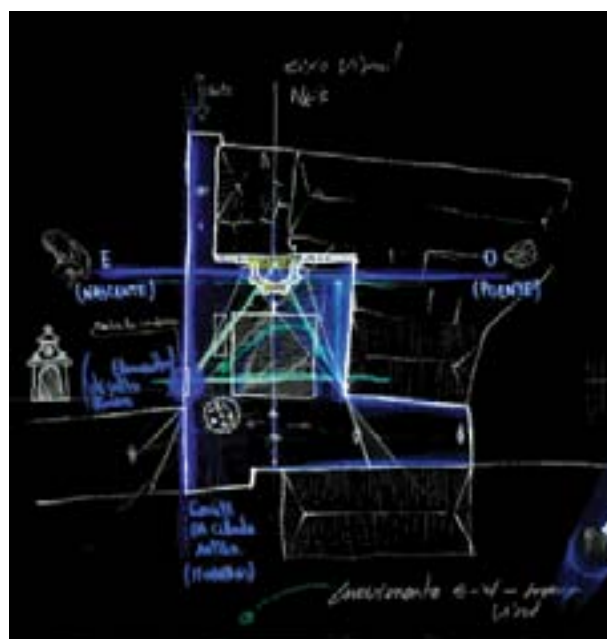
Ri: Uma de suas especialidades é a iluminação urbana, tema de sua tese: "A importância da iluminação na imagem da cidade: opções axiais e configuração urbana". Em sua opinião, o que propõem os novos conceitos da Iluminação Urbana e Ambiental para este milênio?

MJ: Não há novos conceitos, mas sim novas exigências! O conceito encontra-se explicitado em minha tese de doutorado (1985). Era uma necessidade criar esse conceito, porque, como arquiteta, não poderia ver as coisas de forma diferente. A cidade tem uma coerência, uma unidade própria e a iluminação têm de traduzir isso. Quando trabalhei no município de Lisboa (1994-1999) a iluminação dos monumentos era uma divisão distinta da iluminação pública. E, infelizmente, é assim ainda hoje. Contudo, em todos os projetos de monumentos que realizei para a cidade, considerava o espaço urbano envolvente. Hoje em dia, é mais fácil entender essa necessidade e exigência, porque o ambiente urbano voltou a ser abordado como um espaço de excelência das cidades. Todos os municípios querem promover isso também, porque esse tipo de intervenção os beneficia nas eleições. É um trabalho muito visível.

Foto: divulgação



Terreiro do Paço, em Lisboa



Esboço do Terreiro do Paço de Lisboa

Contudo, caímos noutra extremo. Tudo tem de caber no espaço urbano e o efêmero vai tomando conta das cidades, descaracterizando, muitas vezes, seu valor. O efêmero é um importante complemento da atividade urbana, mas não deve sobrepor-se à sua própria identidade.

Ri: Como o design de iluminação pode ajudar uma pessoa a modificar seu olhar sobre a cidade?

MJ: Permite deslocarmo-nos, encontrarmos nosso caminho, mas também sentir prazer em usufruir da cidade num outro tempo, o noturno, onde tudo se passa em outro ritmo, com outro propósito, num 'outro' espaço. Essa percepção pode ser muito estimulante e nos dá a oportunidade de viver num quadro mais criativo, saudável e estimulante, promovendo uma interação social, eventualmente, mais equilibrada.

Ri: Atualmente, são buscadas soluções sustentáveis para um projeto de iluminação urbana. Que preocupações você tem nesse sentido?

MJ: Sustentabilidade é, antes de tudo, efetuar uma instalação que não dê problemas ao fim de algum tempo; é criar uma solução que reduza os gastos com a manutenção; que se instale o número mínimo de equipamentos à adequada iluminação, poupando, nos custos iniciais e no tempo. Essa tem sido nossa preocupação desde o primeiro projeto que, por acaso, ainda resiste ao tempo. E termos instalações com dez anos de funcionamento ou, até 20, e que não tenha tido problemas. Ao longo do tempo, novas fontes de luz permitiram reduzir custos energéticos e aumentar o tempo de vida da instalação, mas, isso não justifica seu uso indiscriminado. Não há melhor solução tecnológica que substitua um mero interruptor que apague a luz, quando esta não é necessária.



Maria João
Lighting designer portuguesa